



INSTITUTO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS E INTERNACIONAIS

XII Conferência Internacional de Lisboa

DEMOCRACIA E INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO DE LÍNGUA PORTUGUESA:

1974 -1994

Lisboa, 12 - 14 Dezembro 1994

**TRANSFERÊNCIA DE SOBERANIA E RELAÇÕES ENTRE PEQUENOS E
GRANDES ESTADOS**

Paulo-Edgar Almeida Resende

Prof. da Universidade Católica de S. Paulo

I. GLOBALIZAÇÃO E FRONTEIRAS NACIONAIS

As fronteiras nacionais de linhas duras estão flexibilizadas no novo mapa mundi. Redefinem-se os espaços em várias direcções. O processo actual de reterritorialização do espaço planetário se cartografa pelo embate ondulante entre a celebrada globalização e as muitas vezes despercebidas dobras e redobras locais e regionais. De modo sinuoso e insinuante, cotejam-se a civilização mundial, as culturas locais e "estruturas dissipativas", abertas a imprevisíveis "flutuações-bifurcações"¹. A crise do estado nacional o torna incapaz de exercer, de modo soberano, funções clássicas de normatização, de coesão social. Com efeito, não apenas a regulamentação da vida económica, como da vida social, política e cultural não se sujeitam, de modo crescente, ao controle exclusivo das políticas nacionais. Defrontamo-nos então com a inadequação das fronteiras convencionais diante de nova realidade, que amplia, celeremente, os horizontes do conhecimento, da informação, da comunicação, da criatividade.

II. A GLOBALIZAÇÃO PERVERSA

A elevação das fronteiras nacionais, a partir do século XVI, suscitou o que podemos chamar de globalização perversa, com nítida conformação arbórea, com tronco europeu, e ramificações periféricas, cujos frutos foram cozidos a ferro e fogo no caldeirão colonial. É a idade planetária de ferro, de que nos falam Edgar Morin e Anne Brigitte Kern², com o desenvolvimento do imperialismo e da ocidentalização do mundo. É a era planetária euro-cêntrica, que se afirma pela violência, pela destruição, pela escravidão, pela extorsão feroz das Américas, da África, da Ásia e da Oceânia. É a mundialização de conflitos entre imperialismos concorrentes, que desaguam na trágica mundialização pelas guerras mundiais da primeira metade do século XX.

A transição desse capitalismo concorrencial, hierarquizado nas territorialidades nacionais, aponta em direcção, cujo movimento as categorias clássicas liberais, as teorias da modernização, a teoria leninista do imperialismo e seu ersatz, a teoria da dependência, mostraram-se incapazes de capturar. A fase de expansão, iniciada no século XVI se esgota na primeira metade do século XX. Desfaz-se o modelo dual, que pressupunha a relação verticalizada de territorializações, cujo tronco se encontrava no hemisfério norte. Este tronco pre-formava e conformava sua copa com seus galhos no hemisfério sul, como que colocando o globo de ponta-cabeça. O espaço planetário

¹ PRIGOGINE, Ilya e STENGERS, Isabelle. A Nova Aliança. Bras, UNB, 1991

² MORIN, Edgar e KERN, Anne Brigitte. Terre Patrie, Paris, Seuil, 1993, pág. 18 e seq.

passa então por ampla reconversão. Guattari³ faz menção à reinvenção dos mesmos espaços, como se fossem palimpsestos. Os núcleos de decisão, cujas complexas engrenagens de poder se distribuem por todo o planeta, estruturam-se, com relativa autonomia, vis-à-vis ao enquadramento estatal anterior. Acentua Guattari o fato primordial de a descentralização, operada pela degenerescência das antigas localizações concêntricas das formações de poder e das antigas hierarquias sociais, fazer-se a benefício de mecanismos desterritorializados. O capitalismo mundial do mega-mercado, da hiper-concorrência dos conglomerados conta com os computadores, onde se formatam informações, cálculos, decisões, de transmissão instantânea de um extremo a outro do planeta. Os estados nacionais entram aí comprometidos com a política de crescimento de que não são autores. Cabe a eles demonstrar competência na administração de expectativas e interesses transnacionalizados, caso contrário ficam sob suspeição. À diferença de outros sistemas espaciais anteriores, é um meta-sistema de hierarquias emaranhadas. Oliver Dollfus⁴ faz menção à pavimentação dos estados-nações sobreposta por outras pavimentações, que desdenham fronteiras, de limites mais vagos, ou cujas áreas se imbricam, como povos, religiões e línguas. O grande desafio, no nível económico, é a substituição da estrutura industrial dos tempos da guerra fria pela economia de tempos de paz, num mundo que tem, no entanto, dificuldade de encontrar canais pelos quais fluam as novas exigências da economia comprometida com a vida e a liberdade, de modo indissociável.

III. O GLOBAL E O LOCAL

Fazendo a caminhada inversa, pela mesma pavimentação, vivemos a condição planetária pontuada por intervenções locais, regionais, cujas intensas variações determinam a alternância, mais ainda, a imbricação do local e do global. Octávio Ianni ressalta o facto de "a sociedade global não se constituir de modo autónomo, independente e alheio à sociedade nacional: ela se planta na província, na nação, na região... compondo-se com eles em várias modalidades, em diferentes combinações⁵. O lugar se recria na articulação do mundial. que se concretiza com as especificidades espaço-temporais das reterritorializações. Do lugar fluem as diferenças, e ao lugar reflue, simultaneamente, a mundialização. Cada lugar se apropria do espaço segundo

³ GUATTARI, Félix. *Revolução Molecular. Pulsações Políticas do Desejo*. 3.^a edição, SP, Brasiliense, 1987, págs.213-218.

⁴ DOLFUS, Oliver, "Geopolítica do Sistema-mundo", in SANTOS, Milton e outros. *O Novo Mapa do Mundo. Fim de século e Globalização*, SP, Hucitec, 1993 págs, 25-26.

⁵ IANNI, Octávio. "Nação e Globalização", in Santos, Milton e outros, op.c.pg.67.

as formas e os ritmos próprios da vida económica, política, social, cultural. Ao tencionar a análise entre o global e o local, a ênfase maior que pretendemos dar é à globalização enraizada na multiplicidade de lugares. Ela atravessa e é atravessada de ponta a ponta pelas regiões. Na formulação de Deleuze e Guattari, a intersecção do global com o local invoca diagramação da nova ordem mundial, tomada à botânica, pelo emprego da figura do rizoma. Os sistemas em rizoma ou em treliça têm derivações infinitas, com conexões transversais, sem que se possa centrá-las ou cercá-las. Na diagramação da nova ordem mundial, portanto, ao invés da raiz-árvore, cuja copa se preestabelece, temos o rizoma-canal pelo qual circula, sob múltiplas vicissitudes, a globalização pelas regiões. O local se delinea como segunda dimensão da globalização. Enquanto processo especificado ou até singularizado em cada região, a globalização elide toda perspectiva de transcendência. Ao se empiricizar, a globalização toma-se processo que opera em multiplicidades concretas. O global, na perspectiva de Deleuze e Guattari, que são o vector de nosso raciocínio, é então entrevisto como composto, consolidado de linhas, de curvas, com o ajuste de uma região a outra, em variação contínua, no mundo que se mostra como colcha de retalhos⁶.

IV. A NOVA CARTOGRAFIA

A referência à nação traz algumas dificuldades na identificação política da sociedade contemporânea, se é que a categoria de identidade não esteja directamente contaminada pela concepção clássica de nação. A nação, enquanto categoria, não consegue referir-se ao contexto actual de nomadismo, de desterritorialização dos fluxos transnacionais, que dinamizam não apenas os circuitos económicos, como os novos circuitos sociais, culturais e políticos. Com efeito, as identidades só podem permanecer estáveis se as territorializações se hipostasiem em sistemas fechados. A teoria política clássica da modernidade nos colocou diante do fenómeno nacional e se descuidou da observação acurada de um processo, desencadeado no próprio instante da constituição dos impérios coloniais, que nos nossos dias se intensificou, requalificando-se. É bem verdade que Locke se dá conta do internacional, da importância crescente dos tratados. Pioneiramente, no capítulo XII do Segundo Tratado sobre o Governo, faz menção a um quarto poder: o poder federativo, enquanto poder de guerra e paz, de ligas e alianças e todas as transacções com todas as pessoas e comunidades estranhas à sociedade. O desafio actual, diante do qual nos situamos, vai no entanto muito além. De modo emblemático, temos a bela

⁶ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. RJ, ed.34, 1992. pág.184.

manifestação da "world music", cuja atracção está na sua consanguinidade com a cultura africana, que migra e se recria. Gilberto Gil⁷ entrevê sua "música do mundo" como "eflúvios, cheiros, emanações... Não é a flor que vai ficar, mas o perfume dela". Faz menção a uma "instância subconsciente de referência".

V. AS NOVAS FORMAS DA LIBERDADE

Pelas rebarbas desta configuração ondulante, tomando-a imensamente complexa, passam linhas de fuga traçadas pelos variados e imprevisíveis movimentos de minorias em suas organizações multiformes, que se fazem e refazem constantemente. Desfiguram-se, no nascedouro, esboços de novas confinações. No âmbito destes movimentos moleculares, há uma transformação da sensibilidade, no sentido forte que lhe atribuiu Nietzsche. A modernidade actual, não enquanto época, mas no sentido latino do termo, enquanto modo próprio de pensamento, de enunciação, de sensibilidade, suscita ampla revisão do vocabulário moral e ético. A suposta naturalidade ou universalidade da identidade subjectiva – emocional, sexual, intelectual – é peremptoriamente negada. Por este vector, escoia, simultaneamente, a crítica ao nacional e ao global uniformizantes. Do ângulo das fissuras da globalização, de suas rachaduras", a nova ordem mundial é entrevista no fluxo de novas solidariedades. As vontades colectivas das minorias surgem como novos agentes, no plural, capazes de pressionar, com êxito crescente. São afirmados os direitos à autonomia, à singularização. Nas fissuras do espaço aberto pelas desterritorializações, brotam as cidadanias minoritárias com os postulados ao direito fundamental à diferença, à autonomia. Ampliam-se as possibilidades de redefinições de pertença, de realinhamento, à medida que a pluralidade de lugares se torna ao alcance dos sentidos, neste mundo encurtado, o qual se palmilha na esteira rolante do vídeo. Na perspectiva clássica, os estados-nacionais abrigam apenas população pre-seleccionada, segundo critérios étnicos, linguísticos ou económicos, um tipo estático de comunidade de destino, com determinação natural, ou, historicamente, decorrência de aventura cavalheiresca de conquista, ou de expansão. Sem cair no idealismo estóico, na medida em que o universal tornou-se empírico, a afirmação democrática hoje aponta na direcção arrojada da cidadania transnacional. Pela instantaneidade das comunicações, lado a lado com a massificação, afirma-se a alternativa de reterritorializações não impostas. A questão de fundo, ao se empirizar o universal, é saber de que forma se torna possível a articulação da multiplicidade de povos, em contínua revisão de sua territorialidade: as migrações do campo para a cidade, entre

⁷ GIL, Gilberto. Folha de São Paulo, 26.4.94, caderno 5, pág.5.

os países do Norte e do Sul, os refugiados, os clandestinos... Ou ainda a questão de fundo é saber como a política, enquanto aspecto parcial da vida social, marcada pelo artificialismo que lhe atribuíram os modernos, é capaz de dar conta de tal sociedade nova, uma vez redefinidas, requalificadas, abaixadas as fronteiras nacionais. Mas não apenas são subvertidas as identidades nacionais. A própria identidade das classes torna-se menos explicativa com relação às múltiplas possibilidades abertas para a resistência social, sujeitas, cada vez mais, a práticas articulatórias complexas, com o aparecimento de novas categorias sociais e políticas na cena política, sob a denominação de minorias, que não se assemelham a forças de classe. O indivíduo encontra vectores alternativos de luta pela sua auto-constituição em escala superior de cidadania.

VI A VIA FEDERATIVA

A federação é o horizonte democrático, embora não linear, que se descortina como alternativa, uma vez quebradas as linhas duras das soberanias nacionais. Mas ela própria está sujeita a desdobramentos, um dos quais com a reformulação superficial do sistema de relações hierárquicas. Milton Santos⁸ se mostra reticente no acompanhamento de tal processo: "Hoje, o que é federativo, ao nível mundial, não é uma vontade de liberdade mas de dominação, não o desejo de cooperação, mas de competição, tudo isso exigindo um rígido esquema de organização. Mas surgem também condições para que a crescente experiência das integrações regionais tenha como matéria prima a autonomia que cada comunidade se reserva. Com efeito, a sociedade contemporânea tem como um de seus agentes de ponta os que trabalham para a constituição do território de entendimento nos vários níveis, em que a preocupação com o uno, a grande e despótica paixão ocidental, cede ao compromisso com o múltiplo, com as diferenças. É por esta via que a Federação encontrará sua formulação apropriada aos novos tempos. Federação não como fragmento do todo, mas enquanto intersecção. A grande novidade que surge, a postular esta nova ordem internacional federalizada, não hierarquizada, é o facto de estarmos submetidos à simultaneidade electrónica. À primeira vista, leva à indiferenciação, leva ao mundo equalizado pelo simultâneo e pela aceitação pasteurizada do que se difunde dos centros tecnológicos. Mas, ao mesmo tempo, estamos diante da diversidade que nos é mostrada pelo mesmo canal, trazendo a tona diversidades interseccionadas, sem nenhum apelo arcaizante à solidão local.

VII CONCLUSÃO

⁸ SANTOS, Milton. *idem*, *ibidem*, pág.19.

No caso da comunidade dos 7, cabe avaliar estratégias de formação de uma transcontinentalização no nível económico, social, político e cultural, base de consolidação da convivência democrática entre indivíduos, povos, nações e estados, de diferentes contingentes e que falam a mesma língua e que viveram as vicissitudes de uma mesma história. Metaforicamente, duas possibilidades se apresentam: uma integração de conformação arbórea, com o unitarismo de um tronco centralizador, e uma integração de conformação multipolar, nos moldes do rizoma. A figura do rizoma é a que adoptamos para estetizar a relação democrática entre pequenos e grandes estados, sem que os primeiros sejam fagocitados pelos segundos. De cada lugar fluirão as diferenças, e a cada lugar refluirão as experiências transcontinentalizadas de convivência próxima, eficaz, institucionalizada. Cada lugar se afirmando no ritmo próprio de sua vida económica, política, social e cultural. Esta intersecção das sociedades integradas, sob a dinâmica das soberanias redefinidas, na direcção de autonomias preservadas, elide toda perspectiva de transcendência. Torna-se um processo que opera em multiplicidades concretas, com imprevisíveis e enriquecedores ajustes mútuos. A grande conformação societária, enquanto dinâmica construção histórica, abrirá campo novo para empreendimentos associados nos vários níveis.